

A ironia do fracasso: Nícias e Tucídides, Aníbal e Políbio¹

The irony of failure: Nicias and Thucydides, Hannibal and Polybius

Breno Battistin Sebastiani

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

sebastiani@usp.br

Resumo: As noções de palavra nova, anelo por realismo e ironia existencial enformam este estudo de passos de Tucídides e Políbio que reconstroem historicamente as circunstâncias dos fracassos de Nícias e de Aníbal. Por meio de abordagem comparativa e histórico-filológica, o artigo investiga a possibilidade hermenêutica de aquela ironia enformar narrativas históricas.

Palavras-chave: Ironia; história intelectual; Tucídides; Políbio; recepção de textos clássicos.

Abstract: The notions of new word, yearning for realism, and existential irony, give shape to this study about Thucydides' and Polybius' passages, which reconstruct historically both Nicias' and Hannibal's political failures. The paper avails itself of a comparative and historical-philological approach, and examines the hermeneutical possibility of this kind of irony to suffuse historical narratives.

Keywords: Irony; intellectual history; Thucydides; Polybius; classical reception studies.

Recebido em 13 de abril de 2015

Aprovado em 30 de junho de 2015

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Agradeço aos pareceristas a leitura atenta e as cuidadosas observações.

- (28) O homem é um olhar retrospectivo criador da natureza para si mesma.
 (69) Ironia é consciência clara da eterna agilidade, do caos infinitamente pleno.
 (71) Somente é um caos aquela confusão da qual pode surgir um mundo.

F. Schlegel, *Ideias*

I

Pouco menos de 10 anos após publicar *O idiota*, Dostoiévski revisita a figura de Dom Quixote, personagem em que baseara a composição do príncipe Míchkin. A meditação se concentra no “mistério mais profundo e crucial sobre a humanidade descortinado pelo livro [*Dom Quixote*]”, mistério tamanho que haveria de ser apontado a deus pelo homem que consigo portasse a obra no dia do juízo final:

Ele [o portador] fará notar que a beleza mais sublime da humanidade, sua pureza, castidade, franqueza, gentileza e coragem as mais sublimes e, enfim, sua mais sublime inteligência, todas frequentemente (muito frequentemente, é pena) dão em nada, passam sem benefício para a humanidade, e ainda se tornam objeto de derrisão simplesmente porque a todos esses tão nobres e preciosos dons que uma pessoa muita vez possui falta todavia o dom maior: o da *genialidade* para pôr todo esse poder ao trabalho e dirigi-lo para um curso de ação que seja veraz e não fantástico ou insano, de modo a que trabalhe para benefício da humanidade! Mas a genialidade, infelizmente, distribui-se entre povos e pessoas em tão diminuta quantidade, e tão raramente, que o espetáculo da malévola ironia do destino na maioria das vezes condena os esforços de algumas das pessoas mais nobres e dos amigos mais ardentes da humanidade ao escárnio, à zombaria e ao apedrejamento apenas porque essas pessoas, no momento decisivo, são incapazes de discernir o verdadeiro sentido das coisas e encontrar a *palavra nova* delas. Tal espetáculo de desnecessária ruína de forças tão grandes e nobres pode realmente reduzir um amigo da humanidade ao desespero, evocar não o riso, mas lágrimas amargas, e azedar seu coração, até então puro e crédulo, com a dúvida...

Quero, entretanto, apenas assinalar a característica mais interessante, que, junto a centenas de outras percepções

igualmente profundas, Cervantes revelou do coração humano. A pessoa mais absurda, agarrada a uma crença excêntrica na mais absurda fantasia que alguém possa conceber, de repente cai em dúvida e perplexidade que quase abalam toda a sua fé. Curioso é o elemento capaz de abalá-la: não a absurdez da noção excêntrica em si, não a absurdez dos cavaleiros andantes que existem para benefício da humanidade, não a absurdez dos prodígios de mágica contados naqueles “livros absolutamente verdadeiros” – não. Ao contrário, é algo externo e secundário, um elemento totalmente peculiar. O homem absurdo de repente *começa a anelar por realismo!* Não foi a aparição de um exército de feiticeiros que o perturbou; isso está fora de dúvida: como poderiam esses grandiosos e esplêndidos cavaleiros mostrar todo o seu valor se não topassem com esse tipo de provações, se não houvesse gigantes invejosos e feiticeiros trapaceiros? O ideal do cavaleiro andante é tão grandioso, tão belo e útil, e cativou de tal modo o coração do nobre Dom Quixote, que se lhe tornou totalmente impossível renunciar à fé nele, o que teria equivalido a trair seu ideal, seu dever, seu amor por Dulcineia e pela humanidade. (Quando, de fato, renunciou a tal ideal, quando se curou da loucura e se tornou *mais sábio*, após retornar da segunda campanha na qual foi derrotado pelo sábio e prudente barbeiro Carrasco, cético e desmistificador, ele prontamente morreu, quieto e com um sorriso triste, consolando o choroso Sancho, amando o mundo inteiro com a poderosa força do amor contida em seu sagrado coração, tendo além do mais se dado conta de que nada mais havia que fizesse neste mundo.) Não, não foi isso. O que o incomodou foi precisamente a consideração muito realista, matemática mesmo, de que não importa como um cavaleiro empunha sua espada nem quão forte ele seja: ainda assim, ele não pode vencer um exército de centenas de milhares em umas poucas horas ou mesmo em um dia, tendo matado todos até o último homem. Mas isso estava escrito naqueles livros confiáveis. Logo, eles devem ter mentido. E se há uma única mentira, então tudo é mentira. Como, então, pode a *verdade* ser salva? E assim, para salvar a verdade, ele inventa outra fantasia. Mas essa é duas, três vezes mais fantástica do que a primeira,

mais crua e absurda. Ele inventa centenas de milhares de homens imaginários com corpos de moluscos que a aguda lâmina do cavaleiro pode retalhar 10 vezes mais fácil e rapidamente do que se tivessem corpos humanos ordinários. E assim o *realismo* é satisfeito, a *verdade* é salva e é possível crer no primeiro e mais importante sonho sem maiores dúvidas – e tudo isso, uma vez mais, graças à segunda e mais absurda fantasia, inventada apenas para resgatar o *realismo* da primeira.²

Assinalar pontos de contato temáticos ou filológicos entre a reflexão do escritor russo e os relatos de Tucídides, sobre o fracasso de Nícias, e o de Políbio, sobre o de Aníbal, parece à primeira vista mero exercício arbitrário ou temerário a flertar com o impossível, a despeito de quantas pontes lógicas se possam construir entre textos de teores tão peculiares. Só muito remota e vagamente as trajetórias de Nícias ou Aníbal suscitam pontos de contato temáticos (pois que historiadores por vezes também já sondaram e iluminaram o coração dos homens) com o ideal elevado de Dom Quixote qual entendido por Dostoiévski, embora não haja sombra da loucura a se projetar das mencionadas trajetórias. O paralelo se torna ainda mais problemático caso se considere o fundo cristão-ortodoxo norteador da referida reflexão, ou as peculiaridades da narrativa cervantina – tamanha e tão temerária incursão totalmente descabida quanto ao escopo, às possibilidades e aos propósitos do presente ensaio. Não bastasse isso, restaria ainda o principal escolho, o fato de que supor os referidos historiadores como homens absurdos ou inventores de ficções fantásticas que salvassem uma verdade/mentira igualmente absurda e idiossincrática, se não a mentira mesma, equivaleria a implodir ou virar pelo avesso o pensamento historiográfico ocidental, ou até a própria razão, de modo pueril e enfadonho. Tentar aproximar historiadores e generais antigos, por um lado, de narradores e personagens modernos, por outro, parece operação de antemão fadada ao fracasso

² DOSTOYEVSKY, F. *A Writer's Diary*, p. 449-451. Grifos do autor. *O idiota* foi redigido entre 1867-1868 e publicado um ano depois. O texto citado está no ensaio “A mentira é salva pela mentira”, que integra os *Diários de um escritor* (DOSTOYEVSKY. *A Writer's Diary*, p. 448-451), e escrito em 1877. A tradução do inglês é de minha autoria, assim como todas as demais traduções presentes neste artigo.

quixotesco ou elementar pelo absurdo mesmo de sua postulação, tantas seriam as objeções que permanentemente suscitaria.

Entretanto as já bem antigas palavras de Dostoiévski apontam um problema que ultrapassa em muito, no tempo e no espaço, sua própria peculiaridade. Elas focalizam, como uma lente de aumento precisa, um viés trágico inerente à trajetória de personagens *quase* geniais. Antigo não é antiquado, gasto ou desvalido: aquele viés, antes pressuposto que formulado, não é exclusivo de meditações filosóficas ou romances, nem de uma época específica e passada. No foco da meditação se conforma o mo(vi)mento da inaptidão para “discernir o verdadeiro sentido das coisas e encontrar a *palavra nova* delas” em ocasiões de extrema necessidade como (des)razão do fracasso de homens reputados excelentes, fracasso que talvez derive do, ou culmine no, anelo por realismo a eles atribuído e igualmente almejado pelos historiadores que deles trataram. Qual uma miniatura que condensa os traços mais nítidos de um corpo bem maior, enquanto sugere a existência de outros traços a serem deduzidos, o mo(vi)mento é notável por enfeixar as linhas de força da mútua gravitação entre (in)capacidade para a *palavra nova* e *anelo por realismo* que ocorre em torno de um centro imaginário formado seja por genialidade (e verdade, no caso do historiador) que medita, seja por fracasso (e, às vezes, inverdade do comandante) que sucumbe. Um exame concentrado na incapacidade imputada a Nícias e a Aníbal de encontrar o sentido verdadeiro e sua *palavra nova* no momento decisivo;³ e no *realismo* a que anelaram, análogo ao buscado e reportado por Tucídides e Políbio ao narrar suas trajetórias, revela todavia, quando em tal exame se emprega a lente de Dostoiévski, a síntese entre ao menos duas intenções identificáveis também nos relatos dos historiadores antigos como modo de atribuir sentido às respectivas narrativas: uma imanente (isto é, orientada para esclarecer o objeto narrado), outra transcendente (isto é, eivada de paralelos sempre sugeridos, jamais explícitos, entre os fracassos dos comandantes e seus próprios fracassos pessoais ocorridos em época não muito anterior à da composição das narrativas, elas mesmas, por sua vez, talvez por tais fracassos motivadas⁴).

³ A se prescindir, claro está, do acúmulo de condições materiais precedente ou concomitante ao fracasso político-militar experimentado por cada um.

⁴ Discuto a questão no artigo “O olhar sobre si mesmo, ou fracasso e lucidez nos textos de Tucídides e Políbio”.

Todavia é nas bordas da lente, em torno ao ponto focal, que algo mais significativo, apesar de um tanto embaçado e pouco nítido, desponta da meditação de Dostoiévski. Ao entrever uma carência, ainda que mínima e fortuita, como condicionante do fracasso de trajetórias mesmo as mais sublimes, a despeito de sua inserção ou não em um sistema cristão de valores, Dostoiévski contrasta toda iniciativa, ação e embate humanos com sua vacuidade de sentido ocasionalmente preenchida somente pela genialidade do benefício “veraz e não fantástico”, assim acusando a ironia inerente à absoluta maioria das manifestações da vida. Ironia aqui não é a figura de linguagem ou pensamento que nomeia a (dis)simulação, afim da hipocrisia e inconcebível no texto de historiadores que proclamaram dedicar-se à investigação da verdade; é, antes, a ironia existencial, ou dramática, ou socrática, o mo(vi)mento da lucidez clarividente ante os pontos de vista corriqueiros sobre qualquer problema em exame a irmanar todas as personagens até agora mencionadas que sucumbiram ao fracasso.⁵ Dom Quixote morre desenganado; Míchkin enlouquece transpassado pela compaixão desesperada; Nícias é executado à traição em meio à

⁵ O problema da ironia é ora pensado sob a definição de “ironia dramática”, de fundo socrático, proposta por M. Jay (*Intention and Irony: the Missed Encounter Between Hayden White and Quentin Skinner*, p. 38; ver também nota seguinte): “a relevância da ironia dramática para narrativas históricas é óbvia, maior até do que a variante socrática, uma vez que aquela explora com frequência o intervalo entre intenções e resultados” (“[t]he relevance of dramatic irony for historical narratives is obvious, even more so than the Socratic variant because of its frequent exploitation of the gap between intentions and outcomes”). Desde que se prescindia do adjetivo “malévola”, a qualificação de Dostoiévski (“malévola ironia do destino”) parece se estribar em análoga reflexão. Minha argumentação neste ensaio tem por base a reflexão de Rorty, em *Contingency, Irony, and Solidarity*, sobre redescrição e narrativa (especialmente o capítulo 4 e as definições sintéticas das p. 144: ironistas – pessoas que nunca tiveram qualquer dúvida acerca do vocabulário final que empregam” [“ironist – people who never had any doubt about the final vocabulary they employ”] e p. 186: “ironista – pessoa que tem dúvidas acerca de seu próprio vocabulário final, de sua própria identidade moral e, talvez, de sua própria sanidade” [“ironist – the person who has doubts about his own final vocabulary, his own moral identity, and perhaps his own sanity”]). Consideradas as epígrafes deste texto e a concepção de ironia aqui enfocada, prefiro ler nas passagens de Rorty uma necessária complementação mútua, antes que contradição ou lapso do autor. Sobre a “ironia socrática” de Schlegel como “autorreflexão vertiginosa que apaga toda diferença entre palco e plateia, sujeito e objeto, real e ideal”, ver FREITAS. Sócrates, a criança irônica (Tieck, Schlegel, Novalis).

derrota que previra havia muito; e Aníbal presente e experimenta a única derrota, para Cipião Africano. Mesmo os historiadores talvez só se tenham votado à narração do passado em decorrência dos respectivos fracassos: Tucídides é exilado depois de derrotado pela celeridade de Brásidas, e Políbio é detido pelos romanos sob forte suspeita de alinhamento com os macedônios vencidos. E ainda o próprio Dostoiévski (para não mencionar a trajetória de Cervantes) vivenciou o terror de uma execução precoce a que por pouco não sucumbiu, tendo escapado no último minuto à pena capital. É o potencial da agilidade de consciência, espicaçada pela lucidez trágica, nas meditações de Tucídides e Políbio – de que viver é fracassar quando não se encontra um sentido verdadeiro das coisas nem sua *palavra nova* durante a busca por *realismo* – habilidade visível em romances e romancistas, historiadores e personagens, agentes e leitores, que discutirei neste texto servindo-me dos passos tucidideanos sobre a trajetória de Nícias, e dos polibianos sobre a de Aníbal. Ao compor Míchkin, como ao visitar Dom Quixote, Dostoiévski investigava as circunstâncias e os (des)integrantes do fracasso também em sutil paralelo com sua própria trajetória pessoal. Teria o mesmo se passado com as narrativas de Tucídides (sobre Nícias) e de Políbio (sobre Aníbal)? Tais narrativas ecoariam ou impactariam as respectivas meditações sobre os respectivos fracassos? Que postura historiográfica enunciariam, e com que consequências para a compreensão de suas narrativas? O exame da questão permite entrever a operação e a envergadura da ironia do historiador – sempre entendida como clarividência narradora do passado que inclui, sem necessariamente explicitar, o autor mesmo na reflexão sobre terceiros – ao longo da construção dos relatos sobre os fracassos de Nícias e Aníbal. Deixo de lado (im)possíveis paralelos entre textos tão distantes e distintos, e proponho-me a interpretar os passos mencionados de modo a entrever a ironia (conforme o sentido apresentado na frase anterior) presente nos referidos historiadores. As três *Ideias* reportadas em epígrafe põem em xeque e embaralham, quando não apagam, a fronteira entre ironia existencial e verdade (ou realidade) histórica – caso se postule a existência de alguma. Não seria a investigação dessa verdade, o infatigável anelo realista no encaço do “fato” e da palavra certa que o exprima, a suprema forma daquela ironia, a que sempre aspira a observar em plena lucidez os modos segundo os quais a observação mesma se dá ao observador, e da construção necessariamente subjetiva que resulta do processo, num incansável jogo de reflexão e enfrentamento das limitações

impostas por percepções correntes, cômodas ou crédulas? Com o auxílio dos trabalhos de M. Jay e C. Romano, busco apenas um modo segundo o qual *reconstruir historicamente* o horizonte de sentidos elaborado pelos historiadores antigos para compreender os fracassos alheios e próprios. Por outras palavras, este texto recria e compara relações intratextuais no âmbito de uma possibilidade hermenêutica, sugerindo possibilidade de reconstrução do significado historiográfico das referidas narrativas como reflexo da ironia que as enforma.⁶

⁶ A proposta radica no, e se servirá do, diálogo teórico estabelecido por M. Jay com os trabalhos de C. Romano: “uma vez que todo evento é irredutível a seu contexto possibilitador, eventos intelectuais ou artísticos são melhor compreendidos mais pelo que possibilitam do que pelo que os torna possíveis” (“[t]o the extent that an event is irreducible to its enabling context, intellectual or artistic events are also best grasped in terms of what they make possible rather than what makes them possible”) (JAY. *Historical Explanation and the Event: Reflections on the Limits of Contextualization*, p. 566). Esse ponto, por sua vez, baseia-se no trabalho de C. Romano: “para o historiador, a consequência de tudo isso é que, para o grupo de acontecimentos extraordinários que justificam a designação de ‘evento’ – e parece que são uma pequena minoria talvez pouco significativa – a explicação contextual, a despeito de como a construíamos, nunca é suficiente. Conforme afirma Romano, ‘compreender eventos é sempre apreendê-los num horizonte de sentido que eles próprios descortinaram, pelo que eles são estritamente incompreensíveis à luz de contextos explicativos’ (EW 152). Se isso é verdadeiro para eventos em geral, talvez o seja ainda mais para aqueles que poderíamos chamar de eventos na história intelectual” (“[f]or the historian, the upshot of all this is that for the class of extraordinary happenings that justify the label ‘event’—and it seems likely they are a small, if significant, minority—contextual explanation, however we construe it, is never sufficient. As Romano puts it, ‘understanding events is always apprehending them on a horizon of meaning that they have opened themselves, in that they are strictly nonunderstandable in the light of their explanatory context’ (EW 152). If this is true for events in general, it is perhaps more so for those we might call events in intellectual history”) (p. 567). Com relação especificamente à noção de *reconstrução histórica*, esta é entendida como uma *historical reconstruction*, conforme elaborada por M. Jay, que retoma o conceito de *intentionality* elaborado por Q. Skinner como meio (*post-facto model*) para preencher o *gap*-ironia entre aparência e realidade, ou verdade e falsidade, com base no *hindsight* do historiador (JAY. *Intention and Irony: the Missed Encounter Between Hayden White and Quentin Skinner*, p. 37-45). Entendo “possibilidade hermenêutica” de acordo com as considerações de C. Romano: “longe de a intenção do autor nos dar a chave de interpretação do texto, é exatamente o inverso que se dá: é tão somente quando compreendemos o texto, quando captamos o que ele

quer dizer, que compreendemos também e por isso mesmo o que o autor quis dizer ao escrevê-lo; *é a significação do texto que nos dá acesso ao que é intencional no ato de escrever, e de modo algum o contrário*. Por consequência, longe de a intenção, entendida nesse sentido, poder nos fornecer o menor ‘critério’ de uma boa compreensão do texto, é sobretudo ao compreender o texto que compreendemos também a intenção do autor entendida nesse sentido, isto é, o que havia de intencional no fato de ele dispor as palavras em tal ordem e não noutra. Em uma palavra, a fim de se poder mostrar o que um autor disse intencionalmente, é necessário mostrar o que compreendemos do texto, mesmo se mostrar o que compreendemos do texto nem sempre é suficiente para estabelecer o que o autor disse *intencionalmente*” (“loin que ce soit l’intention de l’auteur qui nous fournisse la clé de l’interprétation du texte, c’est exactement l’inverse qui est le cas: c’est seulement une fois que nous avons compris le texte, que nous avons saisi ce qu’il veut dire, que nous comprenons *aussi et par là même* ce que l’auteur a voulu dire en l’écrivant; *c’est la signification du texte qui nous donne accès à ce qui était intentionnel dans le fait de l’écrire et nullement l’inverse*. Par conséquent, loin que l’intention, entendue en ce sens, puisse nous fournir le moindre ‘critère’ d’une bonne compréhension du texte, c’est bien plutôt en comprenant le texte que nous comprenons aussi l’intention de l’auteur entendue en ce sens, c’est-à-dire ce qu’il y avait d’intentionnel dans le fait de disposer les mots dans cet ordre et non autrement. Bref, pour pouvoir dire ce que l’auteur a dit intentionnellement, il est nécessaire de dire ce que nous avons compris du texte, même si dire ce que nous avons compris du texte ne suffit pas toujours pour établir ce que l’auteur a dit *intentionnellement*”) (ROMANO. *Compréhension d’un texte et intention d’auteur*, p. 74. Grifos do autor). O gênero de compreensão proposto por Romano é particularmente propício ao exame de textos fragmentários (caso da narrativa polibiana) tomados como totalidade. Sobre o caráter holístico da compreensão: “a compreensão possui aqui, ainda, um caráter holístico. De fato, sempre compreendemos algo determinado, mas o compreendemos a partir da totalidade donde ele emerge, da situação inteira na qual ele se insere: toda compreensão diz respeito, sempre e em cada vez, à compreensão do todo. ‘O compreender, escreveu Heidegger, se estende sempre ao conjunto do domínio de inteligibilidade’ daquilo com que se relaciona. Compreender uma frase é compreender uma linguagem, pois é também, necessariamente, compreender muitas frases análogas ou diferentes; mas compreender um quadro é, do mesmo modo, assinalar-lhe um um lugar no interior da pintura e, por consequência, compreender também a pintura toda e mesmo a arte em geral, o que não é possível senão contra o fundo de uma cultura. A competência em questão sempre se relaciona com a totalidade do domínio a que diz respeito, o que não exclui, evidentemente, que tal competência admita gradações” (“[I]a compréhension possède ici encore un caractère holistique. Bien sûr, nous comprenons toujours quelque chose de déterminé, mais nous le comprenons à partir de la totalité dont il émerge, de la situation tout entière dans laquelle il s’insère: en toute compréhension il y va toujours

II

Após tentar, pela segunda vez, dissuadir (ἀποτρέψειε – Th.6.19.2) os atenienses da expedição contra a Sicília, Nícias encerra a argumentação acenando com uma possibilidade, um convite ou uma ameaça, a depender dos desdobramentos que então decorressem: “se alguém for de parecer diferente, abro mão do comando” (Th.6.23.3). A conclusão é dramática e decisiva, ainda que não propriamente inédita. Dramática porque aceitar o comando significava agir contra a própria vontade, além de ter de partilhá-lo com Alcibiades, adversário ferrenho e astuto que rechaçara com veemência a primeira tentativa dissuasória de Nícias (Th.6.9-14); decisiva porque estava em questão a organização da maior expedição militar até então despachada por uma cidade no auge de seu poderio contra forças igualmente poderosas; e não era inédita porque Nícias já havia uma vez renunciado a um comando, o de Pilos (Th.4.28.1), então em pleno exercício. “Pensando que dissuadiria os atenienses pelo montante das exigências ou, se fosse forçado a comandar, que navegaria com toda a segurança” (Th.6.24.1), a conclusão de Nícias é entendida como uma incitação: o ânimo dos ouvintes em nada arrefeceu; ao contrário, uma vez que “parecia ter dado um bom conselho e que agora a segurança seria ainda maior” (Th.6.24.3), Nícias foi imediatamente instado a deixar de lado os pretextos e a enunciar de que precisaria para a expedição. Em nova tentativa de se desincumbir, Nícias exige, então, recursos exorbitantes, e prontamente a assembleia concede aos três comandantes plenos poderes para proceder como julgassem melhor (Th.6.26.1). Doravante Nícias não mais poderia renunciar à chefia da expedição, incapaz que se mostrara de “discernir o verdadeiro sentido das coisas e encontrar a *palavra nova* delas”. Embaralhando e invertendo os sentidos de fracasso e sucesso,

à chaque fois de la compréhension du tout. ‘Le comprendre, écrit Heidegger, s’étend toujours à l’ensemble du domaine d’intelligibilité’ de ce à quoi il a affaire. Comprendre une phrase, c’est comprendre un langage, car c’est nécessairement aussi comprendre beaucoup de phrases analogues ou différentes; mais comprendre un tableau, c’est également lui assigner une place à l’intérieur de la peinture, et par conséquent aussi comprendre la peinture tout entière et même de l’art en général, ce qui n’est possible que sur fond d’une culture. La compétence en question a toujours affaire à la totalité du domaine sur lequel elle porte, ce qui évidemment n’exclut pas que cette compétence admette des degrés”) (ROMANO. De la compréhension: quelques parallèles entre Wittgenstein et la tradition herméneutique, p. 565).

renúncia e aceitação, o episódio é nuclear como primeiro passo decisivo para a ruína entrevista, ecoando outras situações da trajetória progressiva de Nícias e reverberando também em todas as suas atitudes durante o comando da expedição. Em detalhe.

À exceção de cometimentos bélicos de pequena monta,⁷ a “Paz de Nícias” (421-414 a.C.) e os dois eventos decisivos de sua trajetória (o comando de Pilos e o da expedição à Sicília) gravitam em torno a um mesmo traço distintivo: a esquivança às dificuldades ou seu enfrentamento sem vontade nem sucesso. À diferença de Péricles, cujos atos emanavam de uma potência intelectual superior e incontestável que lhe facultava dirigir pessoas sem ser por elas dirigido (Th.2.65.6-8), em momentos capitais Nícias é retratado como alguém de visão igualmente ampla e acertada, mas que se limita a reagir sem plano prévio, cioso do imprevisível que reconhecia em toda ocasião. Às chicanas e bravatas de Cleão, ávido apenas por salvar a própria pele, Nícias não antepõe nada que melhor justificasse as próprias atitudes ou demonstrasse a valia do que havia empreendido senão secundar o apuro da multidão contra o adversário e desafiá-lo a que lhe rendesse o posto de comandante em Pilos como melhor lhe parecia (Th.4.28.1). Embora extremo e em aparência corajoso, o gesto, entretanto, não é menos fortuito e circunstancial, se não daninho, ao redundar em vitória e prestígio para um adversário inescrupuloso e violento (Th.4.39-40).

Após a morte de Cleão (424/423 a.C.), Tucídides considera que, em paralelo com Plistoanax, rei dos lacedemônios, Nícias era então quem mais bem exercia comandos – ambos os mais empenhados pela paz, muito ao contrário dos recém-falecidos Brásidas e Cleão. E acrescenta que Nícias

desejava, enquanto invicto e respeitado, preservar a boa sorte (εὐτυχίαν)⁸ e manter livre das fadigas do momento a si e aos concidadãos, legando ao futuro um nome que viveu sem jamais ter lesado a cidade, por considerar que tal só ocorreria na ausência de combates, ele que menos se expunha ao acaso (τύχη), e que a ausência de combates gera a paz (Th.5.16.1).

⁷ Minoa – Th.3.51; Mende e Cione – Th.4.129-131; massacre dos mélios – Th.5.116.

⁸ Hornblower (*A Commentary on Thucydides*, v. 2, p. 463) acusa ironia na menção à boa sorte (εὐτυχίαν) de Nícias, entretanto sem precisar ou discutir qual espécie de ironia.

O passo é duplamente revelador, ao captar dois traços essenciais ao retrato de Nícias. Longe de qualquer ideal ético de viés socrático que enfatizasse jamais cometer uma injustiça, a Nícias é atribuído o desejo de paz total (individual e coletiva). Problemáticos são os métodos: não o enfrentamento e a vitória, e sim a esquivia e a conciliação. Em vez de um plano para o futuro, Nícias confia e se entrega a outra circunstância tão ou mais sujeita a acasos igualmente traiçoeiros – tão somente *evita* uma forma de τύχη, o “acaso militar” –, a suposta conciliação nascida da igual exaustão por parte de ambos os contendentes. Apesar de seus seis anos e 10 meses de duração, Tucídides qualifica de “trégua infirme” (Th.5.25.3) ou “trégua suspeita” (Th.5.26.3) a hoje conhecida como “Paz de Nícias”, cujos fundamentos não tardarão a ser solapados no ano seguinte (420/419 a.C.) pelas atitudes de Alcibiades. Se, na esfera ética, Nícias é um modelo de conservador atento às oportunidades e em aparência virtuoso, política e militarmente é ingênuo, se não lesivo para o lado a que se vincula, incapaz de consolidar o próprio poder ao almejar precisamente fugir daquilo que o constituiria. O descompasso entre valor pessoal e sujeição ao acaso, de um lado, e à política, de outro, delimita a excelência de Nícias ao mesmo tempo que expõe seus modos de (não) agir, que, futuramente, concorrerão para sua morte. Com o intuito de prejudicar o adversário, Alcibiades concebe um plano (μηχανάται) com o qual convence os embaixadores lacedemônios a mentir para a *bulé* (Th.5.45), assim enganando (ἡπατημένων) também a Nícias (Th.5.46.1). Aquele age, este sofre os efeitos (mal) reagindo.

A marca das (in)ações de Nícias se torna evidente quando de sua eleição para comandar a expedição à Sicília (415/4 a.C.): é eleito contra a própria vontade (ἀκούσιος – Th.6.8.4) e, embora discordando da empreitada e insistindo em dissuadir os atenienses, nem por isso consegue renunciar, como fizera com o comando de Pilos. Em nova altercação com Alcibiades (Th.6.9-18),⁹ Nícias acusa a pressa dos atenienses e as dificuldades da empreitada como argumentos com que se evitasse (ἀποτρέψαι) tamanho cometimento, enquanto seu jovem rival, desejoso de se opor a ele, pejado de desejo e esperanças (ἐπιθυμῶν

⁹ Para Tamiolaki (Ascribing Motivation in Thucydides: Between Historical Research and Literary Representation, p. 60-61), haveria contradição entre 5.16.1 e 6.9.2. A historiadora, entretanto, não considera que os passos tratam de eventos separados por quase sete anos e relativos a urgências políticas radicalmente distintas.

καὶ ἐλπίζων) de comando e conquistas, e fiado na própria boa sorte (εὐτυχίσας), advoga com veemência pela expedição acusando de preguiça o oponente (ἀπραγμοσύνη – Th.6.18.6-7). Vendo que os atenienses, após a fala do rival, estavam ainda mais propensos à expedição (Th.6.19.1) e percebendo que não os dissuadiria, Nícias tenta nova estratégia, agora encarecendo o gigantismo dos preparativos necessários (Th.6.20-23). E o resultado, fruto que era de uma tentativa de oposição à convicção geral dos atenienses manifestada desde o início (Th.6.8), só fez aumentar o desejo coletivo de navegar,¹⁰ tendo sido o oposto (τὸναντίον) ao pretendido. A despeito da valia dos argumentos, a palavra que Nícias tinha a oferecer era gasta e sem valor: ante a cidade arrebatada por ἔρωσ, toda oposição frontal passa por desafio, que inevitavelmente conduzia ao fracasso a quem não renunciava abertamente a uma posição desconfortável e, pior, insistisse em se medir com um adversário cuja velhacaria bem conhecia.

A falta de moral e o descrédito decorrentes das hesitações de Nícias durante a expedição se refletem também no primeiro impasse entre os três comandantes já em águas sicilianas (Th.6.44-50): Lâmaco e Alcibiades somam votos por um ataque contra a poderosa Siracusa, sobrepondo-se a Nícias, que advogava por um ataque pontual com subsequente retorno imediato a Selinunte, alvo principal da expedição. Com a fuga de Alcibiades (Th.6.61) e a morte de Lâmaco (Th.6.103), Nícias se torna comandante único em situação cada dia mais crítica, agravada por contingências perigosas como a desconsideração (ὑπερεῖδε) do montante das naus comandadas pelo espartano Gílipos (Th.6.104.3), pelo crescente número de reforços do inimigo (Th.7.8.1), pela situação delicada e pelas dificuldades crescentes (Th.7.16.1),¹¹ pela chegada tardia de reforços (Th.7.42) e por esperanças infundadas (Th.7.77).

A situação dos atenienses se agrava sensivelmente após o desastroso ataque noturno à fortaleza siracusana de Epípolas liderado pelo recém-chegado Demóstenes (Th.7.43-44). Em irônica inversão de pareceres, Nícias insiste em que as tropas permaneçam no local, contra a

¹⁰ Th.6.24.3: καὶ ἔρωσ ἐνέπεσε τοῖς πᾶσιν ὁμοίως ἐκπλεῦσαι.

¹¹ Na carta (Th.7.11-15) que envia aos atenienses descrevendo a própria situação, Nícias informa que seria impossível continuar a comandar em decorrência da nefrite, pedindo que lhe enviem um substituto (Th.7.15.1). E novamente os atenienses “não o dispensaram do comando” (Th.7.16.1).

proposta de Demóstenes de retirada imediata: a despeito da fraqueza da posição, fiava-se na esperança (ἐλπίδος) de que os inimigos estivessem em situação desesperadora, agravada pela presença em seu seio de uma facção traidora (Th.7.48). Tucídides, porém, esclarece: “embora ciente disso, na prática ele ainda estava indeciso e se mantinha a observar”.¹² Não desejando arriscar-se a uma condenação injusta por parte de concidadãos, que não saberiam ajuizar apropriadamente a situação, Nícias prefere morrer combatendo, se preciso (εἰ δεῖ – Th.7.48.4). Ocorre que, entretanto, nessa ocasião Nícias falava com veemência por conhecer precisamente a situação de Siracusa,¹³ e a opção pela resistência teria sido então a mais acertada. Quando pronuncia a palavra nova e acertada, não é acatado. Novo impasse, agora entre os dois comandantes, a despeito do apoio do terceiro, Eurimedonte, a Demóstenes apenas agravou a hesitação e o atraso gerais (ὄκνος τις καὶ μέλλησις), e os atenienses permanecem sem sair do lugar (Th.7.49). O famoso eclipse de 413 a.C. e o atraso decorrente da superstição de Nícias (Th.7.50), somados à derrota e morte de Eurimedonte e ao incêndio das naus atenienses no porto de Siracusa (Th.7.51-55), levam os atenienses “ao completo abatimento: o erro de cálculo fora imenso, e maior ainda era o arrependimento pela expedição”.¹⁴ Doravante até a previsível catástrofe, todos os atos de Nícias são paliativos, se não absolutamente vãos.¹⁵

Após narrar a execução, pelos siracusanos, de um Nícias abatido por agruras extremas, rendido e fiado no comandante lacedemônio que

¹² Th.7.48.3: ἄ ἐπιστάμενος τῶ μὲν ἔργῳ ἔτι ἐπ’ ἀμφοτέρα ἔχων καὶ διασκοπῶν ἀνείχε.

¹³ Th.7.49.1: τοσαῦτα λέγων ἰσχυρίζετο, αἰσθόμενος τὰ ἐν ταῖς Συρακούσαις ἀκριβῶς.

¹⁴ Th.7.55.1: οἱ μὲν Ἀθηναῖοι ἐν παντὶ δὴ ἀθυμίας ἦσαν καὶ ὁ παράλογος αὐτοῖς μέγας ἦν, πολὺ δὲ μείζων ἔτι τῆς στρατείας ὁ μετάρμελος.

¹⁵ Após Nícias exortar os soldados abatidos ante o iminente confronto naval com Gíliplo (Th.7.60-64), a observação de Tucídides é capital: “abatido pelas circunstâncias, vendo quão grande era o perigo e quão próximo quando estavam prestes a zarpar, Nícias pensou, como sucede em todos os grandes combates, que tudo o que havia feito era deficiente, bem como o que havia dito aos seus não era ainda o bastante (πάντα τε ἔργῳ ἔτι σφίσιν ἐνδεᾶ εἶναι καὶ λόγῳ αὐτοῖς οὐπω ἰκανὰ εἰρησθαι)” (Th.7.69.2). O desespero de 40 mil soldados encurralados e reduzidos à mercê de uma salvação extraordinária (Th.7.71.7); a humilhação e o remorso generalizados de uma “cidade em fuga” (Th.7.75.5); a disposição (não concretizada) para negociar a rendição (Th.7.83.2); e o massacre do exército no rio Assinaro (Th.7.85) selam o destino do homem que soube claramente, exprimiu sem habilidade e por isso fracassou.

nada fizera para se opor, embora não desejasse aquela morte, Tucídides ajuíza¹⁶: “dentre todos os gregos meus contemporâneos, o menos merecedor de tamanho infortúnio (δυστυχίας) por toda a sua costumeira atenção à excelência (ἀρετῆν)” (Th.7.86.5). O homem que por toda a vida esquivou-se a uma forma de τύχη para cair noutra tomba coerentemente no infortúnio ainda que atento à excelência – porque não necessariamente a possuía¹⁷: a insuficiência de suas palavras e seus atos o distingue mais do que o acerto e a amplidão das percepções. O juízo de Tucídides ecoa na recordação do leitor de como, por exemplo, Nícias havia renunciado ao comando de Pilos em desafio às provocações de Cleão (Th.4.28), ou de que desejara preservar a própria boa sorte (εὐτυχίαν) enquanto invicto (Th.5.16.1), ou de que fora ludibriado tão ingenuamente por Alcibiades (Th.5.46.1), ou de que advogara a valia igual ou superior do cidadão que optasse por cuidar da própria vida e dos próprios bens, pelo que mais desejaria a prosperidade da cidade (Th.6.9.2) – entre outros exemplos de conduta que evidenciam a preferência pela paz em vez da guerra, pela negociação prudente e conciliadora ao enfrentamento, pela renúncia e inação à palavra nova e acertada. Campeão da paz, Nícias coerentemente triunfou renunciando e fracassou quando forçado a comandar: mais do que uma outra espécie, seu infortúnio evidencia a ausência de ἀρετή militar – o homem quase certo em horas por demais traiçoeiras.

No famoso tríptico (Plb.23.12.15)¹⁸ em que comparava a trajetória dos generais que tinha em mais alta conta, Políbio cotejou Filopêmen, Aníbal e Cipião Africano. Para além de sua admiração pessoal pelos três, é notável o fato de que um morreu à traição (Filopêmen), o segundo fracassou no auge da carreira (Aníbal) e o terceiro se viu humilhado e exilado ao fim da vida. Filopêmen, seu parente e mestre, fora o herói de sua juventude; Cipião era um dos mais notáveis ancestrais de Cipião

¹⁶ Sobre o uso típico e regular de juízos conclusivos por Tucídides, ver TAMIOLAKI. *Ascribing Motivation in Thucydides: Between Historical Research and Literary Representation*, p. 50 e 53.

¹⁷ Correta, embora algo ingenuamente, Edmunds (*Chance and Intelligence in Thucydides*, p. 131) considera que a ἀρετή teria sido a única coisa restante a Nícias no momento da morte. Sobre Nícias como paradigma de comandante virtuoso para Tucídides, ver também POUNCEY. *The Necessities of War: a Study in Thucydides' Pessimism*, p. 117-130.

¹⁸ O tríptico decorre da morte coetânea dos três comandantes, todas ocorridas em 183/182 a.C. Ver WALBANK. *A Historical Commentary on Polybius*, v. 3, p. 235-239 e comentário de J. Thornton *ad loc.* (POLIBIO. *Storie*, v. VI, p. 411-412).

Emiliano, junto a quem Políbio passara os anos de detenção; mas é Aníbal, igualmente estrangeiro e permanente antagonista dos romanos, a cujas mãos vê todos os próprios planos naufragarem, quem atrai e concentra seu olhar, tendo dedicado um livro todo a seus sucessos até hoje espantosos.

Somando-se ao famoso ódio votado aos romanos quando menino (Plb.3.11.7-9) e às sucessivas vitórias tão logo transpôs os Alpes, em 216 a.C., o passo emblemático do Livro 3, verdadeiro “épico de Aníbal”, bem ao centro do livro e da marcha desde a Ibéria rumo à Itália, notável por enunciar o princípio bélico, se não existencial, talvez o mais caro tanto para o general quanto para o historiador, é o corolário com que aquele extrai a moral do combate que promovera entre cativos: “o acaso (τύχη) os [*i.e.*, aos combatentes] confinara a um duelo e a uma ocasião semelhantes, e oferecera recompensas semelhantes; era preciso vencer, morrer ou submeter-se vivos aos inimigos” (Plb.3.63.4).¹⁹ Diante do acaso, Aníbal encontra um expediente e uma palavra novos, sintéticos, precisos e eficazes para homens que não dispunham de quarta alternativa. Não por acaso Políbio insistirá reiteradamente na *racionalidade* e na *habilidade* peculiares a suas decisões, contrapondo-se com veemência a historiadores que recorriam ao auxílio de divindades e heróis para explicar as façanhas de Aníbal (como a transposição dos Alpes).²⁰ Diferentemente de Nícias, Aníbal estaria sempre pronto e preparado para o enfrentamento.

Entretanto, em 201 a.C., ao fim da Segunda Guerra Púnica, ao parlamentar a sós com o comandante adversário, Cipião futuro Africano, Aníbal deixa de lado a postura que até então o marcara, pondo-se agora em posição quase submissa e adversa à palavra outrora empregada:

primeiro guerreamos uns contra os outros pela Sicília, depois novamente, pela Ibéria, e por fim chegamos a este ponto, sem dar atenção às advertências do acaso (τύχης), em que vosso solo pátrio correu perigo, como o nosso ainda corre: resta saber se conseguiremos por nós mesmos, pedindo a intercessão dos deuses, acabar com a presente rivalidade. Cá estou a comprovar, por minha própria trajetória, quão instável é o acaso (ὡς (εὐ)μετάθετός ἐστιν ἢ τύχη), que por um nada inverte a balança para qualquer lado, como se manipulada por crianças. Receio que tu, Públio, porque és muito jovem, porque tudo te correu como

¹⁹ Discuto o passo, o expediente e sua interpretação no artigo “Historiografia como opção de vida: interpretações da exortação de Aníbal em Plb.3.62-3”.

²⁰ Cf. Plb.9.26.10; 11.19; 23.13 e, em especial, os parágrafos 3.47.6-48.

previsto na Ibéria e na África, e porque até agora jamais incorreste em um reverso do acaso (τύχης), receio que por isso não creias em minhas palavras, ainda que dignas de crédito (Plb.15.6.6-7.1).

No momento decisivo, o campeão até então invicto da guerra contra os romanos recua em vez de perseverar avançando. Pouco importa se veraz ou astuciosa, a fala de Aníbal minimiza, se não desconsidera, o propósito e o cálculo de Cipião ao atravessar da Itália para a África. Cipião não apenas a rechaça, acusando as agressões e a perfídia do oponente,²¹ como também imediatamente o vence em batalha (Plb.15.15-16); e a ironia trágica do destino de Aníbal não foi ter morrido, mas optado pela terceira via de outrora, tanto menos honrosa quanto mais mortificante – assim explicitamente cumprindo o dito e infringindo ao mesmo tempo o código de valores que prezava. Políbio, porém, arremata a apreciação de seu engajamento na batalha decisiva de Zama inocentando-o do fracasso: “se, após ter feito de tudo para vencer, fracassou, tendo permanecido invicto até então, é digno de perdão; por vezes a má sorte (ταυτόματον)²² se opõe às empresas dos homens excelentes” (Plb.15.16.5-6).²³ Fazer “de tudo para vencer” após não ter atentado ao “verdadeiro sentido das coisas” nem enunciado uma *palavra nova* tem pouca valia, ausência retratada na nefasta oposição reservada ao divino ou contingente na trajetória de um homem até então marcada pela habilidade e racionalidade. Os dilemas implícitos nessas apreciações ecoam outros tantos conflitos vivenciados pelo próprio historiador: por vias diplomáticas, se não também do

²¹ De modo muito significativo, a Cipião Políbio atribui o seguinte encerramento de fala: “o que há, novamente, além de nossas palavras? Ou vós e vossa pátria vos entregardes à nossa discricção, ou nos vencer lutando” (Plb.15.8.13) – recusando ao adversário o diálogo em um mesmo plano.

²² Para a acepção de “má sorte”, ver WALBANK. *A Historical Commentary on Polybius*, v. 2, p. 464.

²³ Em comentário ao parágrafo Plb.15.15, J. Thornton (POLIBIO. *Storie*, v. 5, p. 536) anota que “Políbio parece observar os romanos de fora e tenta uma explicação técnica das razões de seu sucesso”. A observação é capital, pois aponta um dos sentidos ora buscados na interpretação da trajetória de Aníbal tal qual descrita pelo historiador aqueu: a derrota do comandante cartaginês se teria devido a um infortúnio e à superioridade técnica dos romanos, não à perda, mas à insuficiência, de sua racionalidade e inteligência. Os juízos de Políbio sobre o comandante se mantêm coerentes desde o Livro 3.

enfrentamento direto,²⁴ Políbio igualmente optou por se submeter vivo aos inimigos, vítima que se considerava das intrigas de Calícrates, adversário de sua facção na Liga Aqueia.²⁵

III

A percepção da intencionalidade porventura irônica com que cada historiador elaborou o respectivo relato decorre da compreensão dos textos conforme a proposição de C. Romano,²⁶ isto é, a de que o significado do texto dá acesso à intenção do autor, não o contrário. Cada historiador enquadrou, pela inédita redescritção de fracassos alheios, a palavra antiga e desgastada numa nova e clarividente – as respectivas narrativas.²⁷ As meditações de Tucídides e Políbio são apreciações sobre homens que fracassaram elaboradas por outros igualmente fracassados – por vezes diante do mesmo adversário, como o acaso ou os romanos. À diferença de Dom Quixote, sucumbido ao desengano quanto ao próprio ideal, Nícias é mostrado sucumbindo à verdade que entrevira e anunciara, se não mesmo desencadeara ou com a qual colaborara com sua (in)ação; e Aníbal, embora sem ter jamais perdido de vista o antigo ideal de vitória depois transmutado em vingança,²⁸ é flagrado em um momento após o qual pouco pode fazer contra os romanos. Ao renunciar ao comando de Pilos, ou em desespero na Sicília, Nícias encontrara uma palavra nova, mesmo que inócua e deletéria, que resguardasse a integridade de sua própria consciência; ao aceitar o comando da expedição à Sicília, entretanto, atuação e consciência se cindem, dado o descompasso entre vontade e ação necessária – atuação e consciência talvez muito semelhantes às de Tucídides, quando chega com atraso ao cenário

²⁴ Sobre o viés diplomático da narrativa de Políbio sobretudo na segunda metade da obra (*i.e.*, Livros 21-39), que concentra eventos em que o historiador tomou parte, ver THORNTON. Polybius in Context: the Political Dimension of the *Histories*, p. 213-214.

²⁵ Ver Plb.18.15.1-3; 30.13; 30.29.7.

²⁶ Ver nota 5.

²⁷ Sobre a narrativa como forma da “teoria ironista”, ver RORTY. *Contingence, Irony, and Solidarity*, p. xvi, 101 e 120.

²⁸ Exilado voluntariamente na Síria, Aníbal provavelmente lutou ao lado de Antíoco III na batalha de Magnésia (191 a.C.) contra os romanos de Lúcio Cipião e Cipião Africano (Liv.37.45, cuja fonte muito provavelmente foi Políbio).

de guerra e é batido em Anfípolis.²⁹ Aníbal, por sua vez, se preserva intacto seu ódio de infância a Roma, igualmente experimenta a cisão do sobrevivente ao vencedor, em cruel consonância, quase profética, com o juízo pretérito – nova ocasião em que sua palavra, ainda que prudente, não mais bastava para não sucumbir ao mais forte. A cisão experimentada por Aníbal porventura espelha igualmente a experimentada por Políbio, detido por 17 anos em Roma.³⁰ Para os dois historiadores, narrar parece ter sido reconstruir com materiais próprios, mais do que refletir os alheios.

A reconstrução histórica (como “anelo por realismo”, nos termos de Dostoiévski) levada a cabo por cada historiador configura, redescrivendo eventos, uma verdade duplamente irônica. Primeiramente porque, conhecendo ou recordando em detalhes as trajetórias de Nícias e Aníbal, ambos os historiadores imprimem sobre esse *hindsight* lúcido o sentido que lhes norteia as narrativas, fruto de meditações elaboradas ao longo de anos muito posteriores aos eventos narrados. Tucídides, por um lado, emoldura a meditação sobre Nícias como uma tragédia, na qual o desnível entre o comandante que sabe, mas não age de acordo, em parte fortuito, parte previsível desenrolar dos fatos, somado ao antagonismo de adversários diretos, conduz diretamente à sua perda.³¹ Para além de dialogar com a trajetória do próprio Tucídides, o simbolismo impresso na meditação sobre Nícias projeta luz também sobre a própria Atenas, que poderia ter seguido o conselho de Péricles (Th.2.65.7) de não cobiçar um império maior durante a guerra e, talvez, escapado à própria catástrofe. Já para Políbio, que concebe o mundo e a história como permeados, se não como efeitos mesmo, de uma *τύχη* onipotente (1.4.1), todo e qualquer planejamento, por mais completos e perspicazes, jamais são garantia de qualquer efeito almejado.³² Daí que, em sua meditação, a despeito dos contrastes de opinião e atitude, Aníbal e Cipião se meçam como iguais, e

²⁹ Cf. SEBASTIANI. O olhar sobre si mesmo, ou fracasso e lucidez nos textos de Tucídides e Políbio.

³⁰ Sobre sua complexa situação quando detido em Roma, ver ERSKINE. Polybius Among the Romans: Life in the Cyclops' Cave, p. 17-32.

³¹ Interpretação que radica parcialmente em Cornford (*Thucydides mythistoricus*), que destaca o viés trágico da narrativa de Tucídides. Sobre Cornford, ver PIRES, *Ktēma es aiei*, e a “prolixidade do silêncio” tucidideano no século XX, p. 90-91.

³² A apreciação das técnicas e dos limites do trabalho propriamente artístico (entendido por seu viés narratológico e contraposto a historiográfico) de Políbio é criticamente reconstruída por THORNTON. Polibio l'artista.

o acaso, “devendo” pender para um lado, teria dado a vitória ao romano – sem que com isso a racionalidade de ambos, tampouco o mérito do sucesso, fossem comprometidos. Assim como a ἀρετή que Tucídides (não) atribuíra a Nícias, em nada diminuída – menos ainda aumentada – a despeito de seus equívocos e da morte inglória.

Depois, e ao mesmo tempo, porque a genialidade de cada historiador ao imprimir realismo às respectivas narrativas acaba por se concentrar em duas palavras igualmente caras a ambos: a τύχη, contingência cega e igualmente providência divina, imanente e transcendente à narrativa, negação e fundamento da história, à qual também ambos sucumbiram a despeito de todo cálculo prévio e meticuloso; e a ἀλήθεια, cuja busca enforma e irriga seus relatos.³³ A narrativa da história (Tucídides e Políbio), como a reconstrução histórica (*Dom Quixote*, Dostoiévski), forja um novo vocabulário por meio da redescritção de modos de ver, pensar e sentir em consonância com a agilidade própria à lucidez clarividente de cada autor. É, assim, criação que salva a verdade, como no caso de *Dom Quixote*, mas pelo questionamento, pela investigação e pela posterior construção narrativa. A segunda verdade/mentira de *Dom Quixote* salva a primeira; a segunda verdade/narrativa do historiador salva igualmente uma primeira, a verdade da experiência histórica e sua apreensão lúcida. Nos dois casos, ambas as verdades segundas enfrentam e se sobrepoem a um mesmo adversário: o senso comum, a precipitação ajuizante, a credulidade negligente. Nos dois casos, é a serenidade clarividente que imprime sentido à construção, mantendo-se sempre exterior e observadora qualquer que seja o assunto ou

³³ Th.1.20.3: “tão descuidada é a busca da verdade (ἡ ζήτησις τῆς ἀληθείας) para a maioria, mais inclinada ao que está à mão”. Logo à primeira vez em que Tucídides a evoca, ἀλήθεια exprime um âmbito de investigação meticulosamente pensado como diferença contrastiva, como oposição que alarga o próprio espaço-tempo de percepção já na ação mesma do afastamento, e que dista respectivamente das tradições orais (ἀκοάς), da incúria (ἀβασανίστως), da ignorância (οὐκ ἴσασιν), do esquecimento (ἀμνηστούμενα), da incorreção (οὐκ ὀρθῶς οἴονται), do descuido (ἀταλαίπωρος), da precipitação (τὰ ἑτοίμα), do equívoco (οὐχ ἀμαρτάνοι), dos relatos de poetas (οὔτε ὡς ποιηταί), dos relatos de escritores (οὔτε ὡς λογογράφοι), da apreciação impressionista (τὸν παρόντα αἰεὶ μέγιστον κρινόντων) e do fascínio (θαυμαζόντων). Ver também Plb.1.14.6: “assim como um vivente que, privado da vista, é completamente inútil, também a história privada da verdade (ἐξ ἱστορίας ἀναίρεθισης τῆς ἀληθείας) é narrativa completamente imprestável”.

status quaestionis. A única postura restante a quem foi reduzido à impotência política em razão do fracasso é a de fazer ver (como um ἵστωρ) com o mesmo empenho e a mesma acuidade que nortearam a própria investigação.³⁴ Em uma palavra, talvez não tão nova, a narrativa da história é também uma atividade irônica, um mo(vi)mento privilegiado em que ironia, ἀλήθεια e ἱστορία não (fortuitamente?) se distinguem.

Referências

CORNFORD, Francis MacDonald. *Thucydides mythistoricus*. London: E. Arnold, 1907.

DOSTOYEVSKY, Fiodor. *A Writer's Diary*. Edited and with an introduction by G. S. Morson. Translated and annotated by K. Lantz. Evanston: Northwestern University Press, 2009.

EDMUNDS, Lowell. *Chance and Intelligence in Thucydides*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

ERSKINE, Andrew. Polybius Among the Romans: Life in the Cyclops' Cave. In: SMITH, Christopher; YARROW, Liv Mariah (Ed.). *Imperialism, Cultural Politics, and Polybius*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 17-32.

FREITAS, Romero. Sócrates, a criança irônica (Tieck, Schlegel, Novalis). *Viso: Cadernos de Estética Aplicada*, Rio de Janeiro, n. 10, 2011. Disponível em: <<http://revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=80>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

HORNBLOWER, Simon. *A Commentary on Thucydides*. Oxford: Clarendon Press, 1991-2009. 3 v.

³⁴ Etimológica e tradicionalmente (Il.18.501 e 23.486; Hes.*Op.*792; HrcI.fr.35DK; Hprc. *Jusj.*2), ἵστωρ (ou ἱστωρ) denota o indivíduo cuja prudência lhe permite ajuizar e fazer ver a verdade dentre versões conflitantes sem que necessariamente houvesse presenciado a situação que as engendrara (PIRES. Thucydide et l'assemblée sur Pylos (IV.26-28): rhétorique de la méthode, figure de l'autorité et détours de la mémoire, p. 133-135). Ao exercício dessas faculdades os gregos denominaram ἱστορία. Ver também SOARES. *História e ficção em Paul Ricœur e Tucídides*, p. 420-421 e, em especial, p. 556-561, sobre a representância da história e os modos como o historiador a constrói.

JAY, Martin. Historical Explanation and the Event: Reflections on the Limits of Contextualization. *New Literary History*, Baltimore, n. 42, p. 557-571, 2011.

JAY, Martin. Intention and Irony: the Missed Encounter Between Hayden White and Quentin Skinner. *H&T*, Middletown, n. 52, p. 32-48, 2013.

PIRES, Francisco Murari. *Ktema es aiei*, e a “prolixidade do silêncio” tucidideano no século XX. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 17, p. 87-109, 2003a.

PIRES, Francisco Murari. Thucydide et l’assemblée sur Pylos (IV.26-28): rhétorique de la méthode, figure de l’autorité et détours de la mémoire. *The Ancient History Bulletin*, Northfield, v. 17, p. 127-148, 2003b.

POLIBIO. *Storie*. Nota biografica di D. Musti. Traduzione di M. Mari, F. C. de Rossi, A. L. Santarelli. Mote di J. Thornton. Milano: BUR, 2001-2006. 8 v.

POUNCEY, Peter. *The Necessities of War: a Study in Thucydides’ Pessimism*. New York: Columbia University Press, 1980.

ROMANO, Claude. Compréhension d’un texte et intention d’auteur. In: OUELBANI, M. (Org.). *L’Intention*. Tunis: Université de la Sorbonne Paris IV; Presses de l’Université de Tunis, 2010. p. 57-84.

ROMANO, Claude. De la compréhension: quelques parallèles entre Wittgenstein et la tradition herméneutique. In: _____ (Org.). *Wittgenstein*. Paris: Editions du Cerf, 2013. p. 547-598.

RORTY, Richard. *Contingency, Irony, and Solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução, apresentação e notas de M. Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SEBASTIANI, Breno Battistin. O olhar sobre si mesmo, ou fracasso e lucidez nos textos de Tucídides e Políbio. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 243-255, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/6954/5950>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SEBASTIANI, Breno Battistin. Historiografia como opção de vida: interpretações da exortação de Aníbal em Plb.3.62-3. *Espaço Plural*, Cascavel, n. 30, p. 11-29, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10846/7711>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SOARES, Martinho Tomé Martins. *História e ficção em Paul Ricœur e Tucídides*. 2010. 603 f. Dissertação (Doutorado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/18183>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

TAMIOLAKI, Melina. Ascribing Motivation in Thucydides: Between Historical Research and Literary Representation. In: TSAKMAKIS, Antonis; TAMIOLAKI, Melina (Ed.). *Thucydides Between History and Literature*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2013. p. 41-72.

THORNTON, John. Polybius in Context: the Political Dimension of the *Histories*. In: GIBSON, Bruce; HARRISON, Thomas (Ed.). *Polybius and His World: Essays in Memory of F. W. Walbank*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 213-229.

THORNTON, John. Polibio l'artista. *Mediterraneo Antico*, Pisa; Roma, n. 16.2, p. 827-842, 2013.

WALBANK, Frank W. *A Historical Commentary on Polybius*. Oxford: Clarendon Press, 1967-1979. 3 v.

